

Afetividade Na Rede

Gisele Morilha Alves, Júnias Belmont Alves dos Reis, Maria Cristina Lima Paniago Lopes, e-mail: giselemorilha@uol.com.br

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Palavras-chave: afetividade, inter-relações, conhecimento.

Resumo:

O artigo apresenta uma breve revisão bibliográfica sobre afetividade desde o século VI a.C. até os autores mais recentes como Piaget, Vygotsky e Wallon. Com base na participação do grupo de pesquisa, GETED o tema afetividade será abordado com um direcionamento para a educação a distância através do uso de computadores.

Introdução

O estudo apresenta uma breve revisão bibliográfica trazendo as idéias principais de alguns autores que abordaram a temática. Após essa revisão o estudo apresenta uma reflexão sobre importância da afetividade na rede, com base na participação no GETED (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologia Educacional e Educação à Distância), do mestrado em Educação da UCDB –Universidade Católica Dom Bosco.

Afetividade segundo dicionário Aurélio significa:

s.f.1.Qualidade ou caráter de afetivo. 2. Psic. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegrias ou de tristeza. (AURÉLIO, 2004, p.61)

Em conformidade com o significado acima citado, a afetividade está presente na educação on-line de forma a facilitar a interação dos seus participantes, favorecendo a comunicação, a troca de experiências e a aprendizagem.

Afetividade – breve Histórico

O interesse pelo estudo da temática da afetividade na rede surge do momento em que passamos a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologia Educacional e Educação à Distância, especificamente com o pilar da afetividade. Muitos são os autores que abordam essa temática e alguns serão mencionados em nossa pesquisa.

A afetividade humana vem sendo objeto de estudo desde o século VI a.C., tendo início com o chinês Lao-Tzu, na civilização oriental e com Sócrates nos anos de 470 a 399 a.C., na ocidental (BERCHT, 2001). Platão (427-347 a.C.) fez uma primeira tentativa de estudo dos aspectos afetivos ao estruturar a alma: cognição, emoção e motivação (SCHERER, 1994). Mas, para esse filósofo, instintos, emoções e doenças constituíam obstáculos à racionalidade (NICOLA, 2005).

De um modo geral, da Grécia antiga até a modernidade, a razão está quase sempre dissociada da emoção. No século XVII, Descartes (1596-1650), considerado o pai da filosofia moderna, e Espinosa (1632-1677) revolucionaram o pensamento filosófico ao determinarem os processos mentais. Com seu célebre enunciado “penso, logo existo”, Descartes evidenciava a perspectiva dualista entre corpo e mente. Por sua vez, Espinosa diria que “sentimentos são idéias e todo pensamento é ação; então qualquer ação é caracterizada pela idéia que o acompanha” (SCHERER, 1994).

Com o iluminismo do século XVIII, os pensadores passaram a refletir sobre as faculdades da mente humana. Leibniz (1646-1716) adotou o termo *mônada* para indicar a unidade de medida da força viva, espiritual e incorpórea que constituiria o fundamento da realidade; assim, cada *mônada* era dotada de percepção, mas nem todas as percepções eram conscientes ao indivíduo.

Locke (1632-1704) afirmava que todo conhecimento nasce da experiência do mundo externo e da reflexão interior. Considerava a mente, no momento do nascimento, como uma *tábula rasa*, isto é, uma folha em branco ainda a ser escrita. Hume (1711-1776) declarava que a moral era um sentimento, um estado afetivo não racional, que contribuía para a felicidade da sociedade.

Rousseau (1712-1778) deu início à pedagogia moderna. Mas, para o filósofo, aprendia-se por si mesmo. O educador devia (1) evitar que o aluno entrasse em contato com influências perniciosas, (2) satisfazer a natural curiosidade do aluno e (3) predispor situações de vida de forma a favorecer seu crescimento. Kant (1724-1804), o mais importante filósofo da era moderna, afirmava que se “Deus tivesse feito o homem para ser feliz, não o teria dotado de razão”. O filósofo sugeria que a razão humana devia fazer uma autocrítica para estabelecer limites e determinar controles (NICOLA, 2005).

Darwin, em 1897, com o livro *Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* dá início a pesquisa científica moderna sobre a natureza das emoções (2004). Darwin acreditava que as expressões de emoções (faciais), por exemplo, são respostas emocionais observáveis em todos os membros de uma espécie que, associadas a outros comportamentos, determinariam a evolução da espécie. Entretanto, a primeira teoria fisiológica da emoção foi proposta de forma independente por William James e Carl Lange em 1884. James e Lange argumentavam que o comportamento corporal desencadeado pelo evento emocional

(batimentos cardíacos, enrubescimento, etc.) produzia o sentimento da emoção, e não o contrário.

No século XX, Walter Cannon e Philip Bard propuseram uma teoria alternativa à de James-Lange em que a experiência emocional e o comportamento corporal constituem processos paralelos sem relação causal direta (PINEL, 2005). Nessa época, os movimentos filosóficos impulsionaram os debates sobre pensamento, conhecimento, comportamento, razão e emoção. Mais tarde, com a consolidação de grandes teorias psicológicas – gestalt, psicanálise, behaviorismo, epistemologia genética, psicologia cultural e sócio-histórica – a afetividade nas atividades cognitivas passa ser enfatizada.

Piaget, Vygotsky e Wallon também enfatizaram a afetividade como fator preponderante no processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

Piaget (1896-1980) reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva. Para Piaget, a afetividade e a razão constituiriam termos complementares: “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” (LA TAILLE, 1992; 2005).

Vygotsky (1896-1934) concebia a linguagem e a interação como elementos fundamentais da consciência e do aprendizado. O desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo referente às conquistas realizadas e o do desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas. Considerado, muitas vezes, cognitivista por ter se preocupado principalmente com os aspectos do funcionamento do pensamento, Vygotsky, entretanto, questionava o dualismo entre as dimensões afetivas e cognitivas quando menciona que a psicologia tradicional peca em separar os aspectos intelectuais dos afetivo-volitivos (OLIVEIRA, 1992). Afirmava que “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas” (OLIVEIRA, 1992, p.76).

Wallon trouxe contribuições significativas sobre o tema afetividade. A teoria de emoções proposta, com nítida inspiração darwinista, é simultaneamente social e biológica em sua natureza (DANTAS, 1992). Sua teoria envolve o estudo dialético, para determinar a natureza, assim como o estudo genético, para determinar as alterações funcionais. Afirmava que “a inteligência e a afetividade estão integradas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende de construções afetivas” (ARANTES, 2003). Para Wallon, a consciência afetiva dá origem à atividade cognitiva e que, durante o desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afeto e, em outras, a inteligência. Dantas (1992, p.86) resume o pensamento de Wallon com a seguinte afirmação: “A razão nasce da emoção e vive da sua morte”.

A afetividade pode ser definida por vários outros termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos. Ao longo dos séculos pode-se verificar que há muita similaridade nas idéias dos estudiosos, ou seja, a afetividade é um termo utilizado para identificar um conjunto de fenômenos psíquicos que inclui as primeiras manifestações de tonalidades afetivas basicamente orgânicas (primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta com a fome ou saciedade), bem como suas manifestações relacionadas ao social (sentimento, paixão, emoção, humor, motivação, etc.) (ALMEIDA, 2002).

Afetividade na rede

Ballone (2003) compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões como a capacidade que temos de experimentar sentimentos e emoções. A afetividade determina sentimentos que oscilam entre dois pólos que o autor coloca como depressão e a euforia. Assim, a afetividade exerce influência sobre o pensamento e sobre toda conduta do indivíduo.

Na informática, há uma área específica que se dedica aos estudos da afetividade e sua representação em computadores é conhecida por Computação Afetiva. Picard (1997) a define como a área que congrega as pesquisas da aplicabilidade da afetividade em sistemas não-biológicos, ou seja, o uso das emoções em diferentes aspectos nos sistemas computacionais desde o reconhecimento, representação e simulação até pesquisas que envolvem emoções nas interações homem-máquina.

A Computação Afetiva busca reconhecer e representar a afetividade na interação homem-máquina-homem e também investiga como expressar a afetividade. Os fenômenos afetivos podem ser inferidos através de dispositivos de entrada de dados (por exemplo, câmaras que analisam as expressões faciais), analisados através da aplicação de modelos afetivos e, então, gerados estímulos através de sinais que são interpretados pelos seres humanos como respostas adequadas. Picard (1997) aponta ainda a possibilidade da síntese (ou simulação) dos estados afetivos, isto é, a máquina deve saber detectar eventos que disparam um estado afetivo, entender porque está suportando determinado estado afetivo, agir ao estado afetivo reconhecido e aprender com o estado afetivo vivenciado.

O uso de tecnologia para reconhecer afetividade com mais acuidade, ou seja, perceber, identificar e medir fenômenos afetivos, ainda carece de muito estudo e do desenvolvimento de sensores e interfaces que associados às técnicas de reconhecimento de padrões, processamento de sinais (som e imagens) e algoritmos computacionais poderão avaliar e responder os estados afetivos dos aprendizes em tempo real (PICARD et al, 2004). Sendo assim, a precisão dos fenômenos afetivos, principalmente em ambientes educacionais, é um

dos desafios da Computação Afetiva. Há necessidade de uso e desenvolvimento de novas tecnologias que ajudem a perceber, identificar, medir, expressar, simular a afetividade em situações de aprendizagem.

Rosa (2003) afirma o quanto à afetividade é fundamental para que o homem possa construir ações, pois é ela que impulsiona o ser a agir.

Serra (2005) analisou a afetividade como elemento importante na Educação praticada no ciberespaço, ou seja, na sala de aula on-line, em processos de formação mediados por tecnologias digitais.

Moraes (2003) chama à atenção para a necessidade urgente de reencantarmos a educação a partir dos novos paradigmas da Ciência. Para ela, a entrada das tecnologias digitais vem para transformar a maneira como vínhamos pensando e exercitando a prática educativa.

Percebemos com as leituras realizadas a importância da afetividade no processo de construção do conhecimento. Vários pesquisadores têm-se ocupado de investigar a sala de aula, entre eles, Silva, Marco (2001), a fim de torná-la interativa e com o propósito de superar o modelo baseado na transmissão de conteúdos, com o objetivo de formar gerações em condições de conviver em um ambiente comunicacional essencialmente interativo, como o que hoje nos é apresentado fora da escola.

É comum ouvirmos falar que as aulas devem ser interessantes, que professores devem estabelecer vínculos afetivos com seus alunos, só aprendo quando gosto do professor, arrumei namorado pela internet. Os chats favorecem os laços afetivos, as salas de bate-papo estimulam a afetividade, os ambientes virtuais estimulam e mexem com as emoções dos indivíduos, concordando com Ballone. Nos espaços interativos cada depoimento está encharcado de emoções, de experiência de vida, que é individual e, ao mesmo tempo, coletivo-social.

A utilização de cores, símbolos, imagens, traduzem as emoções dos participantes, afirmando a sua individualidade e ao mesmo tempo se inserindo no grupo.

Ao receber uma resposta a uma indagação, comentário a uma mensagem postada, o cursista pode desenvolver o sentimento de pertencimento ao grupo, reafirmando os vínculos afetivos com colegas e professores. Nos ambientes virtuais de aprendizagem, as interfaces que proporcionam a interatividade são espaços importantes para a criação de vínculo. Os bate-papos são espaços ricos para a afetividade, pois, geralmente, são informais e a preocupação é muito mais com a comunicação do que com os possíveis problemas ortográficos ou gramaticais.

O ambiente virtual de aprendizagem pode ser considerado um espaço de possibilidades de expressão, especialmente para aquelas pessoas que são mais tímidas para se expressar oralmente. O papel do “outro” é essencial na constituição do sentido no diálogo.

Segundo Bakhtin (2000) o ser “eu” não é soberano, pois ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio. Tudo o que diz respeito a mim, chega a minha consciência através do olhar e da palavra do outro, ou seja, o despertar da minha consciência se realiza na interação com a consciência alheia.

Compreendemos que a interação com o outro permite a criação de vínculos afetivos e, conseqüentemente, a aprendizagem pode ocorrer de forma mais fácil e prazerosa.

Wallon (1986 apud GALVÃO, 2003) considera as emoções como manifestações essencialmente expressivas capazes, inclusive, de provocar modificações no sistema expressivo o tom e melodia da voz, qualidade dos gestos, expressão facial, postura corporal. As emoções significam, portanto, para Wallon, o primeiro recurso de interação com o outro.

Vemos no GETED (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologia Educacional e Educação à Distância) o quanto ocorre inter-relações de afetividade. Utilizamos o ambiente moodle para reflexões e estudos. Trocamos experiências, informações, sugerimos textos para leituras e marcamos encontro também presencial em que percebemos o sentimento de pertença que cada membro do grupo tem em relação à importância de sua participação no mesmo.

A construção do conhecimento é uma troca permanente de informações, experiências, por meio das inter-relações. Na troca com o outro aprendemos, mas quando estabelecemos vínculos afetivos com quem nos ensina, aprendemos melhor ainda. Porque nos sentimos mais abertos para ouvir, para compreender o vemos, o que lemos, para pensar.

Com Serra (2005) entendemos que as emoções são manifestações de afetividade em sala de aula que podem ser entendidas como um fenômeno essencialmente interativo, aqui entendido como fenômeno social em que há um encadeamento entre as ações dos interlocutores, não necessariamente na direção de um sentido comum.

Em comunidades colaborativas de aprendizagem, virtuais ou em escolas, as manifestações afetivas podem ter significados que ultrapassam as diferenças culturais, sociais ou, ainda, tecnológicas já que, para Williams (1997), existe a possibilidade de eu me sentir tocado sinceramente e emocionalmente por um relacionamento desencadeado no ciberespaço. Mas, para ele, o que perdemos no ciberespaço é a profundidade da experiência emocional, o aconchego e o entendimento que vêm com gestos, como o de ser tocado por outro ser humano, o contato face-a-face e a presença física do mundo real. O alento para uma criança que chora, o carinho físico de um apaixonado, gestos que nos tocam e transmitem um sentido de confiança, intimidade e vulnerabilidade tão presentes em nós.

A participação ativa do professor na interação on-line é um fator fundamental no processo ensino-aprendizagem e facilita a criação de vínculos afetivos. Ele deve tratar cada aluno como único, interagindo

de forma individualizada e respeitando as diferenças, saindo um pouco das mensagens padronizadas, comuns em muitos cursos à distância, para uma comunicação pautada no indivíduo. Os encontros presenciais também são espaços importantes para a criação de vínculos afetivos.

A educação, como as outras instituições, tem se baseado na desconfiança, no medo a sermos enganados pelos alunos, na cultura da defesa, da coerção externa. O desenvolvimento da auto-estima é um grande tema transversal. É um eixo fundamental da proposta pedagógica de qualquer curso. Este é um campo muito pouco explorado, apesar de que todos concordam que é importante. Aprendemos mais e melhor se o fazemos num clima de confiança, de incentivo, de apoio, de autoconhecimento, se estabelecemos relações cordiais, de acolhimento para com os alunos, se nos mostramos pessoas abertas, afetivas, carinhosas, tolerantes e flexíveis, dentro de padrões e limites conhecidos. Se as pessoas são aceitas e consideradas, tendem a desenvolver uma atitude de mais consideração em relação a si mesma.

Temos baseado a educação mais no controle do que no afeto, no autoritarismo do que na colaboração. Talvez o significado mais marcante de nosso trabalho e de maior alcance futuro seja simplesmente nosso modo de ser e agir enquanto equipe. Criar um ambiente em que o poder é compartilhado, os indivíduos são fortalecidos, os grupos são vistos como dignos de confiança e competentes para enfrentar os problemas - tudo isto é inaudito na vida comum. Nossas escolas, nosso governo, nossos negócios estão permeados da visão de que nem o indivíduo, nem o grupo são dignos de confiança. Deve existir poder sobre eles, poder para controlar. O sistema hierárquico é inerente a toda a nossa cultura.

A afetividade é um componente básico do conhecimento e está intimamente ligado ao sensorial e ao intuitivo. A afetividade se manifesta no clima de acolhimento, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto do conhecimento. A afetividade dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades. O homem contemporâneo, pela relação tão forte com os meios de comunicação e pela solidão da cidade grande, é muito sensível às formas de comunicação que enfatizam os apelos emocionais e afetivos mais do que os racionais.

A educação precisa incorporar mais as dinâmicas participativas como as de autoconhecimento (trazer assuntos próximos à vida dos alunos), as de cooperação (trabalhos de grupo, de criação grupal) e as de comunicação (como o teatro ou a produção de um vídeo). Assim podemos ajudar a desenvolver o potencial que cada aluno tem, dentro das suas possibilidades e limitações.

Moran (1998), referindo-se aos meios de comunicação, diz que eles operam com o sensível, o concreto, principalmente a imagem

em movimento, ao tempo que utilizam a linguagem conceitual, falada e escrita. "Imagem, palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens." (Moran 1998, p. 159). No caso da Internet e, nesse contexto, da educação a distância on-line, esses recursos também são utilizados para contribuir com a interação entre as pessoas e com a construção de significados. Concordamos com Moran sobre o fato de que um dos eixos principais da educação seja o desenvolvimento da autonomia, de forma que professores e alunos melhorem sua auto-estima, respeitando-se mutuamente e a si próprios. Se aceito a idéia de que a afetividade é a mola propulsora das ações, então tenho de saber criar situações de aprendizagem em que a afetividade seja estimulada, vivida, provocada. Nesse sentido, muitos professores apontam a ausência física do professor como desvantagem na educação à distância.

Na educação a distância on-line a comunicação é feita, principalmente, via texto escrito: escrevem-se/lêem-se e-mails, mensagens em listas de discussão, em fóruns, em chats. Conhecemos as pessoas via Internet, afeiçãoamo-nos a elas, relacionamo-nos com elas como se as conhecêssemos há muito tempo. Na maior parte das vezes, não chegamos a encontrá-las presencialmente, mas a afetividade se constrói nas relações interpessoais que se estabelecem.

Conclusão

Refletindo com os autores citados podemos entender que a tecnologia trouxe muito ganhos à educação, principalmente no tocante à afetividade, pois facilita a participação dos mais tímidos, daqueles que não podem participar de cursos presenciais, mas que tem o interesse em estudar.

Os grupos de estudo despertam nos seus integrantes sentimentos de pertença, de comunidade. Podemos realizar nossos estudos trocando experiências, debatendo as temáticas, nos ajudando. Isso enriquece a aprendizagem e fortalece os vínculos de afetividade do grupo.

Como Wallon, acreditamos que a consciência afetiva dá origem à atividade cognitiva. A afetividade é essencial, precisamos sentir que existimos para alguém, para produzirmos e vivermos.

Referências

Almeida, A. M. S. O que é afetividade? Reflexões para um conceito. In: Educação On-line. Fonte ANPED. Incluído em 24/2/2002 e obtido em 4/5/2007 no endereço:

http://www.educacaoonline.pro.br/o_que_e_afetividade.asp.2002.

Bakhtin, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martinz Fontes, 2000.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

Lopes, Maria Cristina Lima Paniago Lopes; Xavier, Selma Lúcia da Costa. A Afetividade nas inter-relações professores e alunos no ambiente. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, São Paulo, Dez. 2007. (p.1-17).

Moran, J. M. Mudanças na Comunicação Pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Edições Paulinas, 1998.

Serra, Daniela Tereza Santos. Afetividade, Aprendizagem e Educação On-line. Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação (Educação, Ciência e Tecnologia) à comissão julgadora da Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005. Disponível em:. Acesso em 05 de dezembro de 2008.

Silva, Jaime Beatriz Carneiro. Aspectos Socioafetivos Do Processo De Ensino E Aprendizagem. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*. Vol. 3 n. 11 - jul.-dez./2007.

Longhi, Magalí Terezinha. Um estudo sobre os Fenômenos Afetivos e Cognitivos em Interfaces para Softwares Educativos. Endereço: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/9bMagali.pdf> Acesso em 10/02/2009.